

# REVISTA Memória LGBT

[www.memorialgbt.com](http://www.memorialgbt.com)

## VISIBILIDADE TRANS NOS MUSEUS E ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Revista Memória LGBT – Ano 1 Nº 2  
Janeiro / Março de 2014  
ISSN 2318-6275

**Renata Peron** #MusaDoSamba  
**Marcela Ohio** #MusaMiss  
**MC XuXu** #MusaDoFunk



# EXPOSIÇÃO #NossasMusas

## MUSEU TRAVESTI: UM ÍCONE DA MUSEOLOGIA LGBT

Relatório revela:

Transmulheres negras são as maiores vítimas da transfobia no Brasil

Safira Bengell e a adoção legal do nome feminino

Cíntia Gonçalves conta tudo sobre o Fórum Mundial de Direitos Humanos

Beth Fernandes e a primeira Casa de Passagem Trans do Brasil

Miguel Marques conversa sobre a página @HomensTransexuais

E MUITO MAIS...

## Expediente

Revista Memória LGBT – Ano 1 Nº 2 –  
Janeiro / Março de 2014  
ISSN 2318-6275  
www.memorialglt.com  
revista@memorialglt.com

**Editor:** Tony Boita

**Redação:** Aline Inforsato, Jean Baptista e Tony Boita

**Capa e Diagramação:** Aline Inforsato

**Website:** Cássio Dourado e Eldon Luis

**Revisão:** Jean Baptista

**Corpo Editorial:** Anna Luisa Santos de Oliveira, Danielle Agostinho, Jean Baptista, Julia Moura Godinho, Tony Boita, Treyce Ellen Goulart

### Colaboradorxs desta edição

Xuxu Vierah, Renata Peron, Marcela Ohio, Beth Fernandes, Safira Bengell, Almerindo Cardoso Simões Junior, Anna Luisa Santos de Oliveira, Rodrigo Azócar, Karina Borba, Indianara Alves Siqueira, Miguel Marques, Mário Magalhães, Sandro Ká, Daniel Sena, Aline Inforsato, Tony Boita, Jean Baptista, Cíntia Gonçalves, Treyce Ellen Goulart

### Agradecimentos

Xuxu Vierah, Renata Peron, Marcela Ohio, Almerindo Cardoso Simões Junior, Rodrigo Azócar, Karina Borba, Indianara Alves Siqueira, Miguel Marques, Safira Bengell, Mário Magalhães, João Paulo Peixoto, Wellington Silva, Gabriel Acosta Insaurriaga, Manuelina Maria Duarte Cândido, Camilo Braz Sandro Ká, Daniel Sena, Jean Baptista, Cíntia Gonçalves, Treyce Ellen Goulart, Aline Inforsato, Cássio Dourado, Eldon Luis Museu da Diversidade, Somos Ponto de Cultura LGBT, Página Homens Transexuais, aos membros da Rede LGBT de Memória e Museologia Social, Série Positivos.

### Seja um colaborador também!

Qualquer pessoa poderá pesquisar, estudar e comunicar o material da Revista Memória LGBT desde que autorizado pela mesma.

Entre em contato:  
tony@memorialglt.com

Proibida Comercialização

Todos os direitos reservados a Tony

# Editorial

Tony Boita

Iniciamos 2014 e felizmente não fui assassinado como outros integrantes da comunidade LGBT. Sobreviver em um país que concentra 44% da violência mundial aos lgbt's, violência rotineira e apoiada por um Estado conservador e dominado por igrejas que se negam a criminalizar a homofobia, é viver com sorte. Se para nós gays essa violência, boicote, ódio e brutalidade se configura em um desafio cotidiano, o que não dizer dos desafios diários da comunidade trans? Desprovidos de direitos, à margem e ainda sendo tratados como doentes, são os "T" a linha de frente, a infantaria, de uma batalha em que seguimos perdendo.

Foi a partir destas preocupações que o tema desta edição é a Visibilidade Trans, lembrada somente no dia 29 de janeiro de cada ano. A data foi criada em 2004 quando representantes da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) ocuparam o Congresso Nacional para lançar a campanha nacional do Ministério da Saúde "Travesti e Respeito". Mesmo sendo essa uma ação pioneira, marco da história LGBT no Brasil, a ação segue ainda sendo ignorada pelos canais públicos. E por isso dedicaremos não só esta edição mas todo o nosso trabalho à comunidade trans e suas memórias.

E neste espaço declaro todo o meu respeito e agradecimento a tod@s trans que colaboraram nesta edição. Vocês são guerreir@s!

Nesta edição a Revista Memória LGBT desconstrói a tradição e reconstrói novos mitos, atualizando-os. Inspirados pelo *se travestir* de André Campuzano, fundador do Museu Travesti, no Peru, que nos deixou em novembro de 2013 e por isso não pode estar conosco para organizar a matéria comemorativa aos dez anos do Museu, propomos uma Ode em sua homenagem, refletindo sobre seu legado e interrogando os motivos que fazem com que o Brasil não possua iniciativas museológicas semelhantes.

Nesta edição, iniciaremos o ciclo de debates a respeito da memória trans. Para tal, trazemos uma seção especial tratando de exposições, festivais, dicas de cinema e livros, bem como artigos e entrevistas que versam sobre a relação das pessoas trans com a memória nacional. Beth Fernandes, Cíntia Gonçalves, Safira Bengell, Treyce Goulart são alguns dos pesquisadores e militantes que trazem importantes análises sobre o não-lugar da população trans no Brasil. Em seguida, apresentamos a Exposição em Revista Nossas Musas, destinada a pensar que o debate museológico não necessita iniciar no Olimpo grego, mas, sim, a partir de personalidades como Mc Xuxu, Renata Peron e Marcele Ohio, musas contemporâneas que hoje salvaguardam a memória e a arte da população LGBT. Além disso, a revista traz novas seções e textos, entrevistas, análises sobre a universidade brasileira, história das torcidas de futebol LGBT e até mesmo notícias internacionais. Tenha uma ótima leitura!

Tony Boita

A Revista Memória LGBT, coordenada por Tony Boita, é uma revista bimestral vinculada ao projeto *Patrimônio Cultural LGBT e museus: mapeamento e potencialidades de memórias negligenciadas*, com coordenação de Tony Boita e Jean Baptista.

# Ode a Giuseppe Campuzano

Jean Baptista e Tony Boita

Ao completar 10 anos, o Museu Travesti, no Peru, perde seu fundador, Giuseppe Campuzano, mas nos deixa um ícone da museologia LGBT

Não queremos falar da dor que nos provoca a morte de Giuseppe Campuzano, fundador do Museu Travesti (Peru). Queremos nos travestir de Campuzano, usar maquiagem incaica, manto de plumas da aves sagradas e peruca de longos fios negros para pensar a imensa contribuição que deixa não só para seu país de origem, mas para todos nós, profissionais de museus interessados na democratização da memória no Brasil.

Há dez anos, Campuzano criou uma vivência museal que se tornou um marco na museologia LGBT: *El Museo Travesti* possuía no corpo do próprio diretor pilares de seu acervo e na história do Peru os fundamentos da natureza trans dos museus. “O Museu Travesti do Peru nasce da necessidade de uma história própria”, diz Giuseppe no *site* do Museu, “ensaando uma arqueologia das maquiagens e uma filosofia dos corpos para propor uma elaboração de metáforas mais produtivas que qualquer catalogação excludente”. Na vanguarda do debate, Campuzano traveste-se em Virgem Maria, em deusas incaicas, em virgens destinadas a sacrifícios ritualísticos de antigos povos indígenas. Na metáfora, denuncia o racismo e a transfobia católica, estatal, peruana, latino-americana, o não-lugar de cada um de nós LGBT. E o fez respondendo toda brutalidade com uma exposição exemplar, com cores vivas, com fi-

gurinos extraordinários, com pesquisas antropológicas e com discursos de união/paz que encontravam seu próprio corpo em performances que não podem ser esquecidas.

Embora a transfobia tenha determinado a exclusão do pensamento trans da produção museológica, Campuzano demonstrou que a capacidade de transicionar esta na essência da museologia. Nos museus, transicionamos patrimônio, reencontramos suas identidades em espaços contemporâneos e travestimos os objetos com novos sentidos, sentidos contemporâneos. O Museu, é de fato, um espaço travesti.

Das musas gregas (em verdade, dos musos travestidos no teatro antigo), acompanhamos a transformação constante dos museus. Hoje pretendem ser inclusivos, combater discriminações, defender o direito à memória. No contexto latino-americano e no Brasil que mais mata LGBT no mundo, essa nova performance dos museus é emergencial. Contudo, o direito à memória se tornou um grande chavão na museologia, ao menos no que se refere aos LGBT e em especial aos T da longa sigla. No Brasil, a ideia de um Museu Trans ou LGBT demora a pegar: seja pela força da fobia aos LGBT que domina as políticas culturais, seja pelo lugar do museu no Brasil, intencionalmente excludente, que teima em coquetéis e escandalosos banquetes do mais do mesmo ao invés de se democratizar.

No âmbito geral dos museus, impera o raciocínio excludente: “não tenho nada contra”, nos disse certo diretor de um museu mantido por fundos públicos, “mas esta não é a missão do meu museu”. Assim tem sido: os museus de arte,





medicina, história, tecnologia ou até mesmo os comunitários protegem-se em suas missões que, evidentemente, não incluem a questão LGBT justamente por terem sido construídas em contextos fóbicos aos mesmos. Perde-se, com isso, a possibilidade de discutir com a sociedade os resultados de uma história violenta e as alternativas de paz que se poderiam construir.

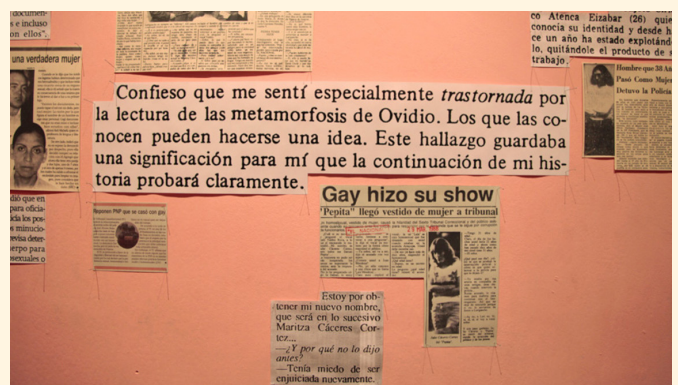
Silêncios nos museus, silêncios na academia. A falta de políticas de combate à fobia aos LGBT nas universidades, a incapacidade das Ifes em posuir um programa de acesso (onde o nome social fosse utilizado desde o início dos processos seletivos) e permanência LGBT, a ausência de linhas de pesquisa ou publicações sobre o tema, a negativa de orientação constante aos estudantes interessados em pesquisar o tema (a desculpa recorrente é a ausência de produção), entre outros fatores, evidenciam a convivência acadêmica com a homo, lesbo e transfobia. Eventos da museologia tratando especificamente do tema? Nenhum até o momento, é claro.

Disso tudo, longas dúvidas: o que podemos afirmar sobre a comunidade museológica brasileira a partir do fato dos mais de 3 mil museus do Brasil não abordarem a questão LGBT? O que faz com que nem mesmo exposições temporárias, com curadoria trans por exemplo, possam ser montadas? E por que não uma Primavera nos Museus LGBT promovida pelo Ibram? Por que parece ser absolutamente impossível pensar que o Brasil

possa ter uma experiência como a do Museu Travesti no Peru? Será a comunidade museológica brasileira homo, lesbo e transfóbica?

Novidades recentes, entretanto, temos para contar a partir de 2013. O Museu da Diversidade em São Paulo, um museu *sub-way* na estação da República, dedicou sua primeira exposição, *O T da questão*, para população trans. Foi a primeira exposição em um museu mantido por fundos públicos a adotar este tema, ao menos que temos notícia. Logo em seguida, esse mesmo museu montou a exposição *Crisálidas*, composta por fotografias de Madalena Schwartz feitas com a população trans dos anos de 1970. Já o Museu das Bandeiras (Muban) promoveu a *1 Semana do Babado*, dedicada a discutir a homo, lesbo e transfobia em Goiás: rodas de conversas, espetáculos de divas trans e uma exposição com fotos de membros da comunidade LGBT de todo país fizeram parte da extensa programação. Na fachada do Muban, uma imensa bandeira arco-íris foi erguida pela primeira vez em um museu do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram-Minc). Tanto no Museu da Diversidade quanto no Muban, avanços democratizantes: a população LGBT percorrendo os espaços museais, representando-se e vendo-se representar. Paralelamente, o absurdo da segregação: protestos de setores conservadores que insistem em afirmar que o lugar dos LGBT não é nos museus.

Obviamente, nascidos em um mundo que diz não ser para nós, encontramos alternativas criativas para essas barreiras – trata-se da capacidade de se recriar que o pensamento trans possi-





bilita. Nesse sentido, temos feito nossa parte. A criação da Rede LGBT de Memória e Museologia Social e a presente revista são algumas das ações que tem feito diferença em amplos setores. Na universidade, tocamos em frente um programa de Extensão chamado Comuf (Comunidades+Universidades Federais), onde um de seus projetos é destinado a acolher o membro comunitário e o acadêmico LGBT, possibilitando seu acesso e permanência ao Ensino Superior por meio da formação do extensionista-pesquisador LGBT: não queremos ficar falando em nome dos T; queremos, sim, formar museólogos trans!

Também oferecemos um mini-curso para cursos de museologia, museus, escolas e movimentos sociais sobre a história e memória LGBT – até o momento, nenhum museu ou universidade solicitou tal serviço ao contrário dos demais setores. Mas bora lá trabalhar, sem desanimar.

Mas e você, profissional de museus-patrimônio-memória, o que tem feito? Sugiro que comece se travestindo para experimentar na pele o brilho de outras almas, como a de Campuzano, e com isso encontrar caminhos que recriem a museologia brasileira, transicionando-a, de fato, em uma museologia efetivamente democratizadora.

Conheça o site do **Museu Travesti**, com fotos, vídeos e textos:  
<http://hemi.nyu.edu/hemi/es/campuzano-presentacion>



**especial**

# Transmulheres negras

Treyce Ellen **Goulart**

## **Ignorado pela imprensa e Estado, Relatório da GlobalRights demonstra que transfobia e racismo andam juntos em projeto nacional de extermínio da população negra brasileira**

Sucessivos estudos tem comprovado o que para muitos já é óbvio: a maioria dos jovens mortos em situação violenta no Brasil, são negros; as mulheres negras, no Sistema Único de Saúde, morrem mais; taxas de desemprego e de restrições à educação, também atingem mais aos negros. Faltava, entretanto, sabermos sobre as transmulheres negras, grupo do qual pesava a ausência de um estudo de fôlego para mais uma vez comprovar o óbvio. Os resultados desta urgente investigação foram reunidos e em 2013, foi lançado pela GlobalRights.org o Relatório Anual da Situação das Transmulheres Negras no Brasil. De acordo com o documento, configura-se no primeiro estudo aprofundado nesta área. Nesse sentido, é sublinhada a luta deste grupo de indivíduos que está profundamente marginalizado de diversos contextos econômicos, culturais e políticos e que muitas vezes permanece vítima da violência, abuso sexual e homicídio. Além disso, a fim de prover informação e recomendações de apoio ao estado da população trans afro brasileira, o relatório destaca as experiências individuais destas mulheres. O arquivo está disponível em inglês para download e sua cópia, reprodução e distribuição gratuita são permitidas. Entretanto, sabemos que a barreira da linguagem ainda existe e pode difi-

cultar (e muito) nosso acesso a informações que dizem respeito à nossa comunidade e nossos direitos. Por isso, a equipe da Revista empreendeu esforços na tradução do conteúdo do texto em termos gerais descritos nesta coluna. Boa leitura!

O Relatório examina as violações contra os direitos humanos da população trans negra do Brasil, sob a luz de tratados e convenções internacionais que o Brasil assinou ou ratificou. Esses acordos incluem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o Convênio internacional de Direitos Civis e Políticos, o Convênio pela Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial, a Convenção pela Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra Mulheres e a Convenção Americana pelos Direitos Humanos. É importante sabermos que cada uma das instituições envolvidas na criação destes documentos tem desenvolvido ações individuais para implementar medidas de proteção às populações LGBTI, mulheres e negros/as incluindo recomendações específicas dirigidas ao Brasil.

Entretanto, apesar da contínua demanda pública de diversos membros da sociedade brasileira e comunidade internacional, o Relatório denuncia que o governo brasileiro tem tomado medidas mínimas

**AfroLGBT**

para o avanço ou proteção dos direitos da comunidade LGBTI. De fato fica exposta a constatação de que o Estado não tem empreendido ações suficientes para atender às necessidades da população trans, nem tem se comprometido a desenvolver medidas específicas para responder às demandas de negrxs LGBTI. Até o momento nenhuma medida foi proposta para superar a discriminação e violência contra a população negra trans.

A fim de expor/problematizar as violações mais frequentes enfrentadas pelas transmulheres negras no Brasil, no relatório constam as seguintes discussões:

a) **Transfobia e Discriminação Racial:** estudos tem se pronunciado sobre a frequência com que os crimes de ódio são cometidos contra transmulheres negras. Embora transmulheres negras representem aproximadamente 10% do total da população LGBTI no Brasil (FRANKEL, 2012), elas compõem desproporcionalmente 50,5% dos 300 assassinatos de pessoas LGBTI registrados no relatório feito em 2012 pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, p. 55, 2012. O relatório recolheu dados registrados pela mídia e reclamações dirigidas às linhas de comunicação administradas pela SDHPR, a Secretaria Federal de Mulheres e ao Ministério da Saúde, considerando violações de direitos humanos cometidos contra pessoas LGBTI. A maior dificuldade em coletar dados é a de que atualmente os registros de violência e homicídios contra pessoas trans dissociam a questão racial da identidade e expressão de gênero. Este cenário faz com que exista um escopo limitado de fontes que proveham dados precisos sobre a violência contra a população LGBTI.

b) **Violência Policial e Impunidade:** conforme nos informa o relatório transmulheres negras brasileiras, no Norte e Nordeste, onde níveis de violência racial são mais elevados (CEBELA, FLACSO, SEPP/PR, p. 14, 2012), reportam altos níveis de violência policial. Ativistas trans prove-

ram dados de apoio nos quais denunciam que policiais visam excessivamente transmulheres por posse de drogas, roubo e outras infrações menores. Além de coerção policial frequente para justificar acusações criminais e detenções arbitrárias são frequentes as tentativas de assassinatos por parte de policiais. Esses casos ocorrem com frequência em resposta à denuncia por parte de uma pessoa trans de um assassinato cometido por policiais, e/ou quando um policial se nega a pagar pelos serviços sexuais prestados a eles por transmulheres (REDLACTRANS, p. 14, 2012). Finalmente, ativistas denunciam que transmulheres negras sofrem mais ataques policiais do que outras transmulheres, o que muitas vezes as obriga a evitar se reunirem em público e também as impede de praticar a prostituição (um dos poucos meios existentes de obter alguma estabilidade financeira).

c) **Acesso limitado à educação:** conforme pesquisa da Dra. Berenice Bento, pesquisadora da discriminação contra transmulheres no Brasil, é estimado que 90% das transmulheres são analfabetas funcionais devido à exclusão social nas escolas (CONEXÃO FUTURA, 2012). De forma similar, um estudo da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em 2012 descobriu que uma porcentagem de 26,7% reunindo pretos e pardos são analfabetos, enquanto que 51,1% são analfabetos funcionais (FUNDAÇÃO CAROLINA, p. 34, 2012). Até então, nenhuma instituição tem desenvolvido descobertas específicas sobre os níveis de escolaridade de transmulheres negras. Apesar de ser muito difundida a discriminação e a violência contra transmulheres negras nas escolas, o governo brasileiro não empreendeu nenhum esforço para enfrentar a discriminação contra pessoas LGBTI que frequentam as instituições de ensino. Notadamente, um estudo conduzido pelo IBGE apurou que apenas 8,7% dos municípios possuem iniciativas educacionais direcionadas aos estudantes LGBTI. Além disso, o estudo descobriu que apenas

1,8% dos municípios possui programas educacionais direcionado à redução da violência contra estudantes LGBTI.

d) **Acesso limitado ao Mercado de Trabalho:** o Relatório Global da UNAIDS de 2012 estima que 44% das pessoas trans no mundo todo trabalham como profissionais do sexo devido ao “acesso inadequado à informação, serviços e oportunidades econômicas (UNAIDS, p. 76, 2012)” Um relatório de 2012 sobre os direitos humanos de pessoas trans na América Latina afirmou que profissionais do sexo trans estão sujeitas aos mais frequentes e severos abusos contra os direitos humanos contra pessoas trans incluindo violência, instabilidade econômica, abuso sexual, DSTs, uso de drogas e álcool e acesso limitado à serviços de saúde mental. (REDLACTRANS, p 25, 2012).

Uma vez que existem oportunidades limitadas de emprego para transmulheres no Brasil, alguns municípios, incluindo Rio de Janeiro (Secretaria Municipal de Direitos Humanos, 2012) e Salvador (COUTINHO, 2013) tem desenvolvido programas de aperfeiçoamento profissional para transmulheres. Todavia, os programas tem alcance local e geralmente apenas provem níveis básicos ou habilidades administrativas e oportunidades. Um estudo realizado pelo IBGE, em 2012, descobriu que apenas 1% dos municípios do Brasil atualmente permite às pessoas trans o direito legal de mudar seu nome nos documentos de identidade antes de se submeterem a cirurgia de readequação de gênero ou exames psiquiátricos (WERNECK&PITA, 2012). Isso é um entrave para xs trans candidatxs a empregos nos quais, em geral, é requerida a apresentação de documentos de identidade que apresentem nomes que são contrários à sua identidade e expressão de gênero. Esse processo além de institucionalizar o estigma contra pessoas trans também resultam, muitas vezes, em demissões não justificadas e em recusas à contratação de candidatxs trans qualificadxs.

e) **Acesso Inadequado à Saúde:** transmulheres negras sofrem com crescentes riscos à saúde, acesso desigual serviços de saúde física e mental, e discriminação baseada em raça e gênero no Serviço Único de Saúde. Como mencionado anteriormente, o trabalho como profissional do sexo é causa que compromete a saúde mental e sexual de muitas transmulheres negras. O Relatório Global da UNAIDS estima que 68% das pessoas trans no mundo todo estão infectadas com HIV, atribuindo tal valor à violência baseada em gênero, alto desemprego e discriminação (UNAIDS, p. 76, 2012). Uma denúncia adicional feita pelo grupo Criola, uma organização brasileira em prol dos direitos das mulheres, aponta o racismo institucional e a insensibilidade cultural existente no sistema público de saúde como a principal causa para a desigualdade de tratamento para com mulheres negras (CRIOLA, p. 5, 2010).

A despeito de políticas do Ministério da Saúde que visam o respeito à autodesignação por parte de pessoas trans, há reclamações sobre frequentes expressões e atitudes transfóbicas por parte dos profissionais de saúde, o que faz com que as transmulheres negras adiem ou evitem procurar serviços médicos adequados. Devido a esta situação, pessoas trans que desejem iniciar tratamentos hormonais, cirurgias reconstrutivas ou outros procedimentos de transição de gênero, muitas vezes o fazem sem supervisão médica.

f) **Ausência de legislações protetivas:** A Constituição proíbe a discriminação racial e protege os direitos culturais e religiosos das minorias, garantido às transmulheres negras proteções importantes. Entretanto, a despeito destes avanços, o Brasil não possui nenhuma legislação federal que proteja os direitos das pessoas LGBTI. Especificamente nenhuma lei que reconheça e proteja a identidade e expressão de gênero. Este vácuo legal permite vasto abuso, impunidade, violência, discriminação e exten

os obstáculos legais e médicos para as transmulheres negras e comunidade LGBTI em geral. O Relatório chama a atenção para o Projeto de Lei 5002/2013. O PL procura estabelecer uma lei mais abrangente a respeito da identidade de gênero e foi encaminhada para a Câmara dos Deputados em fevereiro de 2013 (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013). A medida garantiria reconhecimento e proteção à identidade e à expressão de gênero, permitindo aos indivíduos mudar legalmente seus nomes em todos os registros e documentos de identidade sem a exigência de avaliações médicas e psiquiátricas e garantiria acesso livre a intervenções cirúrgicas pelo SUS sem a exigência de aprovação judicial ou avaliações psiquiátricas (WYLLYS&KOKAY, pp. 1-4, 2013) Este PL ainda aguarda aprovação pela Comissão da Câmara e não tem data prevista para votação.

O Relatório sobre a Situação de Transmulheres no Brasil demonstra que a discriminação e violência contra transmulheres negras se aloca nas interseções profundamente enraizadas entre racismo e transfobia. Elas se manifestam em formas particularmente brutais, representados pelos fluxos quase constantes de violência, humilhação e exclusão aos quais transmulheres negras são constantemente submetidas. Os atos de violência cometidos contra esta população são particularmente cruéis, muitas vezes envolvendo o abuso psicológico e a violência sexual, freqüentemente manifestados em espaços públicos onde são exibidos ao público em geral.

A pesquisa foi desenvolvida em um período de 8 meses, de julho de 2012 a março de 2013, e foi desenvolvida mediante fontes qualitativas. As fontes incluíram relatórios, artigos, e documentos sobre a situação dxs LGBTI e pessoas negras no Brasil além de quatro entrevistas desenvolvidas pessoalmente com lideranças trans negrxs de diversas regiões do Brasil, incluindo Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e Belém/PA.

Também cinco entrevistas adicionais conduzidas com funcionários do governo federal, pesquisadores e pessoas negras ativistas LGBTI não auto-identificadas como trans. Outras observações foram coletadas na 11ª Reunião Ordinária do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, ocorrida em Brasília, em setembro de 2012, e no 1º Seminário de Negras e Negros LGBT, ocorrida em Salvador/BA em outubro de 2012. Informações também foram obtidas em reuniões de grupos de apoio e eventos culturais pertinentes às comunidades negra e trans.

Segundo os organizadores do relatório, seu intuito é que os resultados apresentados possam servir para qualificar os esforços de todos os indivíduos que trabalham para empreender os direitos dos negros e as pessoas LGBTI no Brasil, e para incentivar um compromisso mais profundo em promover e defender os direitos das transmulheres negras. Especificamente, esperamos o aumento da colaboração entre negros/as, mulheres e grupos LGBTI, bem como uma resposta mais engajada por parte do governo na promoção dos direitos das transmulheres negras.



# Homens Transsexuais

Anna Luísa Santos de Oliveira

A página Homens Transsexuais foi criada em 18 de maio de 2013 na rede social facebook e na rede social ask.fm, com o intuito de trocar informações acerca do processo de transexualidade masculina, seu criador Miguel Marques de Salvador – BA conseguiu mais que isso. Além da troca de informações a página se tornou um espaço de discussões acerca da transexualidade, seu processo e militância pelo espaço Transsexual no Brasil. Com alcance nacional, já supera as seis mil curtidas e a Revista Memória

motivo pelo qual criei a comunidade é a falta de informação sobre o tema, em relação a procedimentos médicos, sobre a quem procurar, como iniciar a transição, como retificar os documentos, quais os efeitos hormonais e etc. Muitos homens trans querem começar o processo e não sabem como, o que foi o meu caso e só pude começar minha transição quando conheci o primeiro homem trans operado do Brasil, operado ainda na época da ditadura, o João W. Nery, foi ele quem me orientou sobre como



LGBT entrou nesse espaço cibernético e teve um bate-papo legal com Miguel. Confira:

## Como surgiu a ideia de criar a página Homens Transsexuais?

**Miguel Marques:** A ideia surgiu a partir do momento em que conheci a realidade dos homens transsexuais em geral, as dificuldades que enfrentamos e a necessidade de sermos vistos. Percebi que precisávamos sermos vistos para consequentemente conseguirmos alcançar nossos objetivos, que seriam esses: O direito de sermos os homens que sempre fomos independentemente do corpo em qual nascemos, o direito de ter os mesmos direitos que qualquer outro homem, o direito de viver. Outro

começar e sou muito grato a ele. Por saber como é difícil obter informações sobre tudo, resolvi ajudar aos outros que passam pela mesma situação que passo através da comunidade. Não sabia muito bem se ia dar certo, mas as coisas parecem estar andando bem no sentido de disseminação de informações. Eu sei que não é fácil, então tento fazer o possível para contribuir com os outros.

## Como vem sendo o diálogo com o facebook? Alguma publicação já foi removida pelo site de relacionamento?

**Miguel Marques:** Já foram removidas publicações de imagens genitais, que tentei publicar para que as pessoas pudessem ver alguns resultados pós cirur-

gia e resultados apenas com a hormonização. Mas é entendível que tenham removido, é a política deles. Por isso, a maioria das vezes as pessoas me pedem para passar esses conteúdos via chat.

**A página costuma receber muitas perguntas sobre a transexualidade, e acaba se tornando um espaço de esclarecimento de dúvidas e de discussões, como é o processo de respostas e de acompanhamento dessas pessoas?**

**Miguel Marques:** Bom, as perguntas que me fazem são basicamente as mesmas perguntas que você está me fazendo, e respondo da mesma maneira que estou te respondendo agora. Respondo muitas dúvidas sobre as cirurgias genitais, a funcionalidade, os métodos, quais profissionais posso indicar em seus estados para acompanhamento, como dar entrada na retificação de documentos e etc.

**Lembra qual foi a primeira postagem que fez, e como foi a receptividade do público?**

**Miguel Marques:** Não me lembro mais qual foi a primeira postagem, mas lembro-me que desde o início a receptividade do público foi bem positiva, vez e outra aparecem aquelas mentes ignorantes (o que é normal dentro da sociedade ignorante em que vivemos). Muitas dessas mentes foram transformadas com a informação, e outras continuaram fechadas. Não adianta falar para quem não quer ouvir, mas faço a minha parte e muitas mentes já se transformaram positivamente e fico feliz por isso.

**Quais as diferenças entre transexualidade e outras formas de vivência de sexualidade?**

**Miguel Marques:** Transexualidade não tem ligação com orientação sexual. Transexualidade diz respeito a identidade de gênero, ou seja, a maneira como você se sente, a maneira como o seu cérebro identifica o seu gênero: Masculino, feminino, os dois, ou nenhum dos dois. Orientação sexual diz respeito ao que você gosta: Homem, mulher, os dois, ou nenhum dos dois. Um exemplo: Um homem trans pode ser gay, bissexual, ou heterossexual. Uma mu-

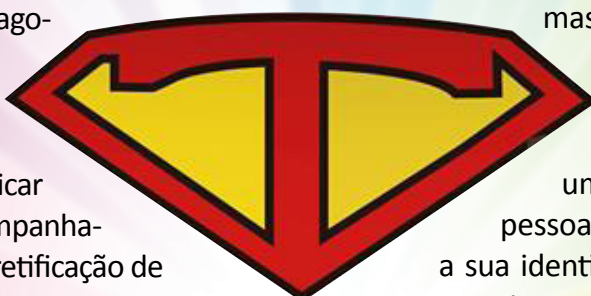
lher trans pode ser lésbica, bissexual ou heterossexual. A partir desse exemplo percebe-se a diferença entre Identidade de gênero x Orientação sexual.

**Com relação a conjuntura atual da transexualidade no Brasil, e o fato de ainda estar na classificação internacional de doenças, o que você tem a dizer?**

**Miguel Marques:** Na verdade é o CID 10 F64.0 Meu pensamento em relação a isso é de que é um absurdo nos considerarem doentes mentais. Quem nos introduziu nisso é quem deveria tratar-se, sinceramente. Soube que irão nos tirar do CID, mas não sei para quando isso está previsto. Acredito que tem que haver um acompanhamento psicológico por um tempo, até porque existem pessoas que estão em conflito com a sua identidade e podem considerar-se transexual, quando podem não ser e o processo de mudança é irreversível. No máximo um relatório psicológico dizendo que a pessoa está apta à transição, retificação de documentos e tudo mais (justamente para comprovar que não é o caso de uma pessoa confusa com sua identidade, e não para comprovar que somos doentes mentais e precisamos disso) O que deve haver é alguma resolução que nos garanta acompanhamento pelo sus, que seja um direito nosso, logo que é uma necessidade a transição e não uma doença psicológica. Assim como as mulheres grávidas que tem direitos especiais, precisam de acompanhamento e não são doentes. É uma comparação ao nosso caso, não somos doentes, porém precisamos de cuidados médicos e intervenções cirurgias para a integridade da nossa saúde física e mental.

**E aí gostou? Então curta a página homens transexuais no facebook e acompanhe as discussões no ask.Fm, acesse:**

[www.facebook.com/HomensTransOficial](http://www.facebook.com/HomensTransOficial)  
[www.ask.fm/HomensTransgeneros](http://www.ask.fm/HomensTransgeneros)



# Exposição

# #NossasMusas

Como musas travestidas, incitamos a interpretação e desautorizamos a autoridade.

GIUSEPPE CAMPUZANO – El Museo Travesti

Tony Boita

Basicamente, todo o debate em museologia inicia pela seguinte narrativa: na Grécia antiga existiam nove musas que inspiravam ciências e artes. Filhas de Zeus e Mnemósine (memória), nasceram Calíope (poesia épica), Clio (história), Euterpe (música), Melpômene (tragédia), Talia (comédia), Urânia (astronomia), Érato (poesia amorosa), Terpsícore (dança) e Polímnia (hinos). Costuma-se dizer que as filhas da memória reúnem-se no templo das musas, compreendido hoje como espaço de salvaguarda e comunicação da memória, como museus e espaços de vocação museológica.

O que não se conta com o devido respeito nos debates museológicos é que quando interpre-

tadas no teatro antigo, as belas musas eram representadas por homens. Sim, as Musas eram travestidas e estavam presentes em rituais, tragédias, comédias, danças, músicas e poesias do mundo antigo.

Já faz algum tempo que as Musas travestidas foram expulsas de sua casa (museu). De fato, os museus passaram a preferir representações excludentes que jogaram o mundo trans para fora.

Na América Latina não foi diferente: ainda que o *se travestir* fosse um fenômeno que antes mesmo da colônia já se fazia presente, seguiu-se a expulsão até os dias atuais.

Contudo, a luta trans em diversos setores culturais tem demonstrado que as musas se-

guem ai, hoje em performances trans, sobrevivendo a tantos esforços de detração e opressão.

Resta saber quando elas poderão voltar para casa, não só para contar suas memórias, mas para inspirar, trabalhar e reconstruir os museus do Brasil sem homofobia. Afinal elas sempre existiram e sem elas teríamos só o esquecimento.

Nesse sentido, a Revista Memória LGBT pretenciosamente atualiza o mito: apresenta-se a seguir uma **musealização em revista** de nossas musas contemporâneas, contando com Rodas de Memória Virtuais e conteúdos que revelam que as musas de hoje não ofendem às ancestrais e oferecem aos museus novas alternativas afirmativas. Aproveite a exposição!

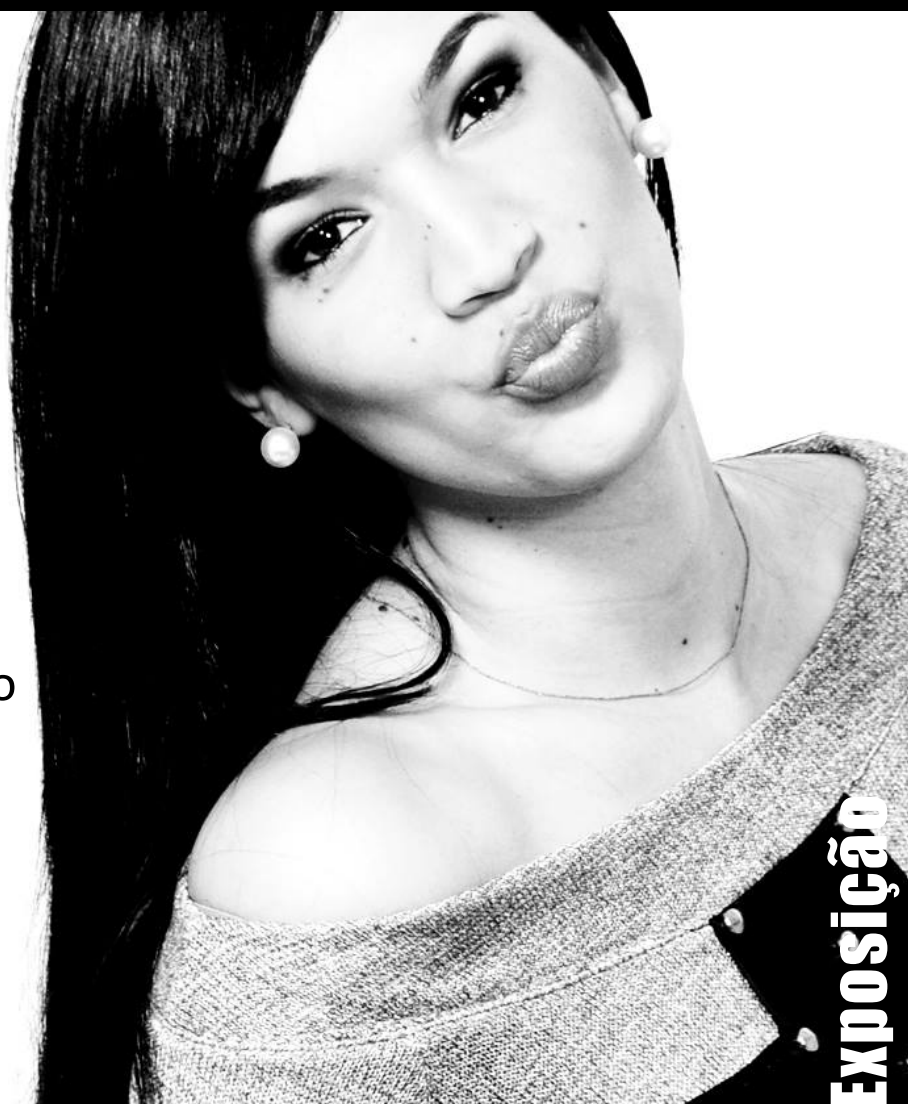
# Mc Xuxu

## #MusaDoFunk

manda um beijo para a  
Revista Memória **LGBT**

“Meus amores muito obrigado pela moral e total carinho; amei essa entrevista com a **Revista Memória LGBT** e aprendi muito, quero parabenizar pelo ótimo trabalho. Como diria Einstein, é mais fácil desintegrar um átomo do que o preconceito, mas ainda chegamos lá.”

**Mc Xuxu**



EXPOSIÇÃO

Trans e Funkeira MC Xuxu vem fazendo sucesso com seus *hits* que combatam o ódio, o preconceito e a intolerância contra a comunidade LGBT. Suas músicas são dançantes, trazem amor, paz e muito humor.

A musa trans do funk nasceu depois de uma curta temporada que passou no Rio de Janeiro, identificou-se com funk carioca e resolveu voltar a cantar mas mudando de “hip hoper” para Mc. É ela mesmo que compõe seus hits. Sempre com letras inspiradas em seu cotidiano, acrescentando mensagens de amor, paz, humor e de enfrentamento a qualquer forma de preconceito e ódio para a comunidade LGBT. Seu apelido Xuxu vem de infância e foi dado por sua madrinha. A musa trans do funk conta que “nos meus primeiros anos na escola eu não gostava por que o apelido ajudava no bullying, mas acabei me acostumando. Eu não conseguia tirar da cabeça das pessoas, até os professores me chamavam assim”. Atualmente a funkeira vem fazendo o maior sucesso com o hit *Um Beijo* que leva uma mensagem de paz as travestis e a todos que são do bem.

## #CURIOSIDADES

Os principais parceiros de trabalho de MC Xuxú são: Dançarinos: **Wally, Rodrigo, Vick, Matheus, Mário e Jhonatan** DJs: **DJ Nono e DJ Potty**

Quem coreografou a música *Um Beijo* foi **Wagner Vaccari**

Segundo o Artigo 5 da LEI Nº 5543, DE 22 DE SETEMBRO DE 2009 que diz “ Os artistas do funk são agentes da cultura popular, e como tal, devem ter seus direitos respeitados”, **Mc Xuxu no Rio de Janeiro seria a primeira Agente de Cultura Popular Trans do Brasil.**



# Roda de Memória

**Nos museus estão representadas memórias e histórias da sociedade brasileira. De que forma os museus brasileiros poderiam aproximar-se da questão LGBT?**

Não será fácil, já li sobre o Museu de São Francisco e Berlim, são as únicas inspirações que temos, então temos que “meter a cara” pra conseguir nosso espaço aqui no Brasil também.

**Qual (Quais) memória(s), história(s) e objeto(s) você gostaria de expor em um museu?**

Ano passado nossa cidade perdeu uma artista maravilhosa, Fernanda Muller. Ela abriu muitas portas para nós, memórias, histórias e objetos que davam valor à história de uma travesti guerreira e amada. Uma homenagem assim seria boa para retribuir momentos em que ela meteu as caras por nós.

**Qual memória você jamais gostaria de esquecer?**  
A história do Cazuzu, acho muito parecida com a minha.

**A LEI 4124/2008, de autoria do deputado Chico Alencar, aprovada em 2013 pela assembleia legislativa do RJ, reconhece o funk como patrimônio cultural do estado. Toda vez que**

**ocorre o reconhecimento oficial de um saber-fazer como patrimônio, também se reconhecem os mestres de cultura responsáveis pela difusão do saber-fazer, ou seja, aqueles que transmitem para sua comunidade como levar adiante o patrimônio. Ao ver seu vídeo ensinando os passos de dança, o pajubá e até mesmo dicas de xuca, não pude deixar de pensar: MC Xuxu é uma Mestre de Cultura não só do funk, mas da comunidade LGBT como um todo! O que pensa disso?**

Nossa, eu fico muito feliz em saber que pensam assim de mim. Ainda sou um “peidinho” na música, mas faço o que gosto, canto nossa realidade e tenho muito o que aprender ainda.

**Não havendo notícias, a que você acha que se deve a ausência da história e memória LGBT em museus?**

Como eu já disse, o sistema finge não nos ver, isso ajuda tudo a ficar mais difícil para nós.

**Como é ser trans no mundo do funk?**

Ser trans no mundo FUNK é como ser trans cantando qualquer outro ritmo, as pessoas ainda estão se acostumando com travesti e transexuais na mídia.



A música “Deixa em Off” é imediatamente compreendida como um pedido de paz da comunidade LGBT, refletindo o anseio histórico que temos de viver nossas vidas longe da homofobia. Na sua opinião, está muito distante o dia em que de fato os homofóbicos nos deixam em paz?

Eu não deixo de acreditar; vamos lutar até que esse dia chegue.

**Em uma resposta anterior você disse que existem outras trans que cantam funk e outros ritmos. Quem são? Onde estão?**

Conheço a Garota X do Rio de Janeiro ela canta funk, Lulu Monamour de Goiânia canta rap e Renata Peron, samba. Conheci elas em minha caminhada, e amei o trabalho de todas.

**Como você descreveria suas músicas?**

Eu tenho músicas que falam de amor, preconceito, traição e até de “chuca” haha, fica difícil mas tudo que proponho no fim das contas é o amor!

**Você compõe as músicas?**

Sim, eu amo escrever, quando pinta a idéia tenho que logo pegar um papel e lápis pra escrever e o celular pra guardar a melodia.

**Qual a inspiração para as músicas “Um Beijo”, “Deixa em Off” e “Pantera cor de rosa”?** Um Beijo: Eu queria algo que grudasse na mente das pessoas, levando uma mensagem de paz as travestis, ultimamente tenho lindo muita noticia ruim de assassinatos,maus tratos etc., daí resolvi dar esse “beijo”. Deixa em off fiz na mesma época que “Pantera cor de rosa”, eu gosto de misturar “humor” com coisa séria, acho que isso chama atenção das pessoas, minhas inspirações vem do que eu vivo no dia a dia.

## Dicas

“Um Beijo para as Travestis”

<http://zip.net/byl0bX>

Aprenda a dançar a música #1beijo

<http://zip.net/bpl0hY>

“Deixa em Off, assim eu vou viver em paz”

<http://zip.net/bql0kd>

“Ah eu fiz a chuca”

<http://zip.net/bclZCL>

“Hoje sou Mc, sou travesti sou filha de Deus”

<http://zip.net/brlZ2J>

“Sou magrela, sou pintosa, mas não me confunda com a pantera cor de rosa”

<http://zip.net/bslZXs>

“É o bonde da Marechal quando elas chegam as recalçadas passam mal”

<http://zip.net/btlZWG>



# Renata Peron

## #MusaDoSamba

Canta e Conta suas  
Memórias e Trajetórias



“...com fé e  
muito trabalho  
você pode  
chegar em  
qualquer lugar,  
e acreditando  
em seus sonhos  
tudo é possível”

**Renata Peron**

exposição

Ela é uma artista transexual com uma das melhores vozes do Brasil. Em 2011 consagrou-se com o DVD *Peron Conta e Canta Noel Rosa*. Recentemente lançou seu novo trabalho **Eu sou Guerreira**

**Renata Peron** nasceu a partir da ideia de Renata ser reconhecida como uma mulher transexual artista. Ela canta e interpreta desde os dezessete anos e tornou-se a primeira trans a cantar MPB e Samba. Nasceu na Paraíba, mas viveu em Juazeiro, na Bahia, até os vinte e sete anos. Hoje, residindo em São Paulo, Renata já conta com cinco CD's e um DVD, todos independentes.

**Renata Peron faz shows nos bares da Vieira de Carvalho, Vermont, Habias Copus, So da Pop, Princesinha da Vieira, Bar Quem, Buteco do Kae e aos domingos faz show gratuitamente na praça da República como militante.**

Suas canções Favoritas são *O Que é, o Que é?* de Gonzaguinha, *Ser estranho*, de Jessé, e *Não deixe o samba morrer*, de Edson Conceição e Aloísio, com regravação de Alcione.

**A Motivação para a gravação do DVD *Peron Conta e Canta Noel Rosa* foi provar para os preconceituosos de plantão que uma trans pode fazer coisas maravilhosas se derem espaço. A música não escolhe sexo e sim talento se você tem, tem!**

### Trabalhos de **Renata Peron**

- CD – Uma Viagem Pela Música (2008)**
- CD – Renata Peron Salada Mista (2009)**
- CD – Peron é Festa (2010)**
- CD – Renata Peron Canta Noel Rosa (2011)**
- DVD – Peron Conta e Canta Noel Rosa 2011**
- CD – Eu sou Guerreira (2013)**



# Roda de Memória

**Na sua opinião, está muito distante o dia em que de fato os homofóbicos nos deixarão em paz?**

Acredito que em um país laico é necessário punir o preconceito das pessoas através de leis que nos proteja. Mas nos livrarmos dos preconceitos vai demorar muito, vejo os negros há mais de 100 anos livres e ainda segregados.

**Na museologia, existe hoje a ideia de que os museus no Brasil estão incluindo grupos discriminados. Embora já tenha nascido museus de comunidades indígenas, quilombolas ou outras periféricas, temos procurado notícias sobre os museus que se preocupam com a memória da comunidade LGBT. Você tem alguma notícia de algum museu assim?**

Bem ainda muito tímido temos um em São Paulo na Estação da República, já é um começo, não mesmo?

**A que você acha que se deve essa ausência da história e memória LGBT em museus?**

Meu querido, somos um país sem memórias não só no que diz respeito à comunidade LGBT, mas em todos os sentidos. Veja a história do povo negro. Então pra os nossos governantes a história da comunidade LGBT não é nada comparada as outras. Cabe a nós cobrarmos mais e mais de quem colocamos no poder para nos representar, daí quem sabe um dia...

**Nos museus estão representados memórias e histórias da sociedade brasileira. De que forma os museus brasileiros poderiam se aproximar da questão LGBT?**

Querido, tá difícil! Na verdade a sociedade gostaria de esconder o que somos. Exemplos não nos faltam, tratando-se das questões da sexualidade, não é de interesse das escolas, pois estariam debatendo o sexo. Afinal ninguém faz sexo sozinho! Outro fator muito preocupante, é que querem vender uma imagem do país para fora. Mas o que eles vendem não existe aqui, o estereótipo ocidental. E por isso não querem mostrar nosso povo com somos, índios, negros, pardos, brancos, azuis, rosas...

**Qual (Quais) memória(s), história(s) e objeto(s) você gostaria de expor em um museu?**

Meus CDs e figurinos.

**Qual memória você jamais gostaria de esquecer?**

De quando abri os olhos e me vi de seios. Para você pode não ser tão importante, mas para mim é lembrança mais forte.



**Você é a primeira trans cantando MPB-Samba?**  
Sim, mas em outro gênero tem também a Talentosíssima Mariana Munhóz que faz um som pop\ eletrônico.

**Quantos CD's e Dvd's você tem gravados?**  
Quatro CDs e um DVD, todos independentes pois no nosso país o preconceito ainda é muito grande.

**Como é ser trans na MPB/samba?**  
Muito difícil! Mas não desisto do meu sonho sou uma guerreira. O samba não deu entrada pra mim, mas tenho muito talento e calo o preconceito deles, quando me vem me julgam, quando me ouvem me aplaudem.

**Estava ontem com uma amiga e apresentei você cantando Edit Piaf. Assim como eu ela se**

**emocionou. Isso sempre ocorre? Porquê?**

Sim, porque o que eu canto é a mais pura verdade e isso toca aos corações de bons ouvintes da musica, é como te falei anteriormente o meu talento tende a combater o preconceito das pessoas, e isso falo sem soberba, é apenas um fato.

**O que te motiva a cantar?**

Mostrar para a nossa sociedade que a música não escolhe sexo e sim pessoas, e se eu tenho um dom que foi dado por Deus, quero fazê-lo da melhor maneira que eu poder, isso me motiva a fazer mais e melhor.

**Como você descreveria suas músicas?**

Minha musica é para quem tem bom gosto e não se limita apenas ao enlatados norte america-



nos. Se você já está aberto a isso será um passo para curtir uma boa música.

### **Onde achamos seus CDS?**

Infelizmente não consigo produtora ou gravadora para que possa vender meus show e cd então só pelo e na hora do show ou pelo face.

### **Pq decidiu cantar MPB/Samba?**

Porque sou brasileira! O mundo da música é muito louco. Mas a música que te pega e não você a ela, entende?

**Em diferentes entrevistas você afirma que quer ser uma trans reconhecida por ser cantora e não vista como um produto sexual. Comente.**

Isso é uma das coisas que mais me deixa triste. O próprio meio LGBT, que deveria ser diferente comigo, não me apoiam, não me dão espaço e poucos reconhecem meu trabalho. Os Gays, nem todos é claro, tem a péssima mania de quererem que nós, trans e travestis, tenhamos que depender deles e nunca permitem a o contrário. A respeito do tema produto sexual compartilho a idéia que uma trans que não viva de programa. Para mim não é tão difícil enfrentar a todos, e acredito que nem todas tem a força que eu tenho de não querer viver de prostituição, mais a sociedade é cruel sempre nos coloca como segregadas e isso eu, como militante, jamais vo aceitar.

**Conte para nós como era cantar na orla de Jua-zeiro na Bahia?**

Olha que saudades me deu agora... kkkkkk. Bem uma cidade pequena onde matava travesti como se mata porco, com paulada na cabeça, eu tinha que ser inteligente para não morrer. Busquei refugio no teatro (Centro de Cultura João Gilberto). Então me tornei " boba da corte" criei uma drag queen chamada Persona Queem, uma personagem que eu poderia viver minha transexualidade, de dia menino e de noite mulher ainda que lúdica mas mulher.

## **Dicas:**

**“Uma pessoa que nasce negra, o pai não manda embora por ela ser negra. Ela sofre os preconceitos na rua, vem para casa e tem o apoio da família. Porque a família não vai admitir que alguém rompa o direito daquele ser. Conosco é diferente, a gente, apanha na rua e se chegar em casa e apanhou, apanha de novo! Primeiro por que é gay, segundo por ser afeminado, terceiro por que vai virar trans.”**

**“Não existe uma empresa ou uma instituição que contrate travestis e transexuais para trabalhar dignamente. Com salário digno, plano de saúde, todos os direitos que ela tem. Ainda existe uma má vontade, inclusive do nosso próprio movimento, em aceitar e assumir isso como um papel de bandeira”**

<http://zip.net/bjlZJs>

**Teaser DVD Peron Canta e Conta Noel Rosa**

<http://zip.net/byl0dD>

**Renata Canta Piaf**

<http://zip.net/bslZYf>

**“Descaracterizar a idéia que travesti e transexual só trabalha voltada para as questões de prostituição. Eu quero que a sociedade nos veja IGUAL”**

<http://zip.net/brlZ3q>

**Renata Peron Canta Codinome Beija Flor**

<http://zip.net/bnlZBq>

**Renata Peron Canta na Pça. da República – SP**

<http://zip.net/btlZXn>

# Marcela Ohio

## #MusaMiss

a primeira Miss International  
Queen **brasileir@**



EXPOSIÇÃO

“Parabéns a Tod@s da Revista pela qualidade do que é apresentado e pelo registro e resgate da nossa memória, desejo vida longa a esta importante ferramenta cultural LGBT e agradeço a oportunidade e o espaço”

Com apenas dezoito anos, **Marcela Ohio** venceu o concurso *Miss International Queen 2013*, o maior concurso de beleza trans do mundo.

**Marcelo Ohio**, a Transexual mais bela do mundo, nasceu em Guaraçai (SP), mas logo foi morar em Andradina (SP), onde cresceu e iniciou sua carreira de modelo após ser convidada para um desfile. Deste ponto em diante, nunca mais parou. Primeiro vieram as fotos, depois editoriais e capas de revistas. Posteriormente foi garota pro-

paganda de uma marca de cosméticos e recebeu convite para trabalhar em São Paulo. Em 2012 participou do *Miss T Brasil* e foi coroada como a mais bela transexual brasileira. No ano seguinte desbanca outras vinte e uma belas candidatas e se consagra como a mais bela trans do mundo no *Miss International Queen-2013*.

#### #Curiosidade

O seus principais parceiros de trabalho são Felipe Avilla, seu namorado, e sua coordenadora, Majorie Marqui.

#### #Curiosidade

Marcela Ohio tem apenas 18 anos e é a primeira miss t Brasil 2012 e a primeira brasileira *Miss Internacional Queen 2013*.

#### #Curiosidade

O concurso *Miss Internacional Queen* ocorre anualmente na cidade de Pattaya, na Tailândia, desde 2004. Tem como objetivo promover os direitos transsexuais entre a comunidade internacional. Em sua décima edição, o concurso contou com vinte e cinco participantes de dezessete países.

#### #Curiosidade

O Brasil estava sendo representado por duas modelos Marcela Ohio e Roberta Holanda.



# Roda de Memória

**Na sua opinião, esta muito distante o dia em que de fato os homofóbicos nos deixarão em paz?**

Infelizmente acredito que ainda há um caminho distante até o fim da homofobia, pois fatores culturais só são modificados em longo prazo, se observarmos a violência contra mulher que mesmo com legislação específica ainda ocorre em larga escala e com frequência. Por isso acredito que ainda vai demorar um pouquinho para ficarmos em Paz, mas fico feliz em saber que no Brasil exista um movimento LGBT tão atuante e comprometido que vem ajudando a modificar este quadro. Eu só vou estar em Paz no dia em que minhas irmãs Travestis e Transexuais não forem violentadas e assassinadas cotidianamente.

**Na museologia, existe hoje a ideia de que os museus no Brasil estão incluindo grupos discriminados. Embora já tenha nascido museus de comunidades indígenas, quilombolas ou outras periféricas, temos procurado notícias sobre os museus que se preocupam com a memória da comunidade LGBT. Você tem alguma notícia de algum museu assim?**

Na verdade não tenho conhecimento de nenhum, embora acredite que seja de suma importância resgatar a história e os marcos da nossa comunidade. Em visita ao RJ ouvi em uma reunião no Programa Rio sem Homofobia que eles tinham a ideia de criar um lá. Na Astra Rio (associação responsável pelo concurso que me revelou) tem um CEDOC bem grande com vários momentos históricos das Trans do Brasil em diferentes décadas. O próprio Miss T Brasil é a reedição de um projeto que começou em 1974.

**A que você acha que se deve essa ausência da história e memória LGBT em museus?**

Infelizmente a ausência de representação da imagem de significativa parte do povo brasileiro, principalmente das populações mais vulneráveis ainda é um grave problema, na questão LGBT acredito que a criação de um Museu específico na temática possa ser um primeiro passo.

**Qual (Quais) memória(s), história(s) e objeto(s) você gostaria de expor em um museu?**

Acho o momento em que fui coroada Miss International Queen 2013, pois naquele momento eu carregava no coração a responsabilidade de proporcionar a minha comunidade um momento em que nossa imagem fosse valorizada e respeitada dentro da nossa identidade de gênero. Foi mágico e extremamente emocionante poder ver a torcida de tantas Trans Brasileiras em diversas partes do mundo e depois observar o sentimento de resgate da auto estima coletiva na comunidade ao comemorar a vitória.

## #Dicas

**Making off Miss Internacional Queen 2013**  
<http://zip.net/bglZYg>

**“O mundo precisa de mais amor”**  
<http://zip.net/byl0dM>

**“Homenagem de uma fã”**  
<http://zip.net/bklZT6>

**Miss T Brasil**  
<http://zip.net/byl0dX>

# Das luzes do Lampião da esquina – Nossas memórias e histórias

Prof. Ms. Almerindo Cardoso Simões Junior[1]

O período do fim da ditadura no Brasil marca uma época muito particular de nossa história. Além da abertura política, apresenta-se a possibilidade de novos discursos, em especial de grupos considerados minoritários ou marginais. Buscando maior visibilidade, vários destes grupos ve-riam na mídia um meio de propagar suas ideias e

apresentar novas posturas identitárias, diferentes daquelas forjadas pela ideologia dominante de então. A efervescência política e social da época propiciava o momento exato para o (re)surgimen-to de sentidos e vozes considerados esquecidos, discursos escondidos que clamavam por emergir. Vários periódicos aparecem nesse período como forma de resistência ao regime militar e como instrumento capaz de conferir visibilidade às cha-madas minorias. Vinculado à esquerda, este tipo de jornal, muitas vezes de tiragem irregular e pro-dução quase artesanal, inseria em seu discurso as vozes de grupos tidos como minoritários ou mar-ginais. A partir dos anos 60, em especial, surgem os jornais voltados para a comunidade homosse-xual, particularmente a masculina.

Em fins de 1977, um grupo de jornalistas, inte-lectuais e artistas se reúne na casa do pintor Darcy Penteado em São Paulo. O ponto embrionário des-se encontro teria sido a entrevista que João Antô-nio Mascarenhas, na época colunista do Pasquim, havia feito com Winston Leyland, editor do Gay Sunshine, publicação americana dirigida a homos-sexuais. Não só Mascarenhas como outros jorna-listas ficam tão empolgados que decidem lançar uma publicação que relacionasse o homossexual e seu contexto social, que discutisse os mais diver-sos temas e fosse vendido nas bancas de todo o país. Surge assim O lampião da esquina, primeiro jornal homossexual de circulação nacional.

O jornal foi um dos maiores ícones do movimento homossexual do fim da ditadura no Brasil. Vendido

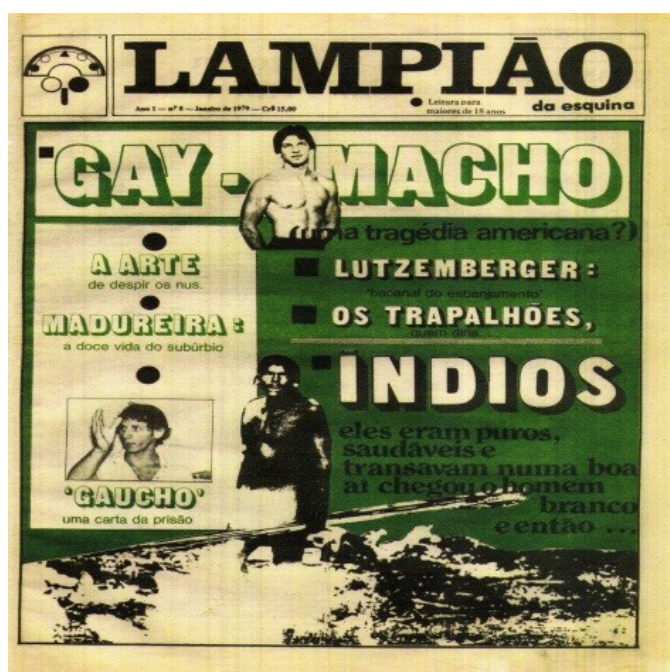


nas bancas de 1978 a 1981, suas 37 edições deram vez e voz a inúmeras pessoas que escreviam mensalmente a seus editores. Refletir sobre suas cartas é contemplar não só um movimento de resistência contra a ditadura militar, mas também o processo de afirmação homossexual, acompanhando as múltiplas construções identitárias pelas quais este grupo passou neste período, cujas consequências nos afetam ainda hoje. O reconhecimento do jornal enquanto lugar de memória e construtor de identidades LGBT legitimou o lampião da esquina na qualidade de produtor de um discurso que deveria ser analisado como representativo do homossexual brasileiro no período de transição entre as décadas de 70 e 80 do século XX.

Assumir e orgulhar-se de sua homossexualidade, sair dos guetos, transitar como qualquer outro cidadão, ter livre arbítrio para escolher lugares de lazer e, acima de tudo, exprimir sua sexualidade são temas constantes em Lampião. A análise das cartas dos leitores, constituintes da seção cartas na mesa, evidencia três momentos bem nítidos na trajetória do jornal: 1978 apresenta um discurso positivo de afirmação de identidades. Em 1979, o orgulho de ser homossexual é associado ao ideário de ser este também um cidadão político. As cartas do ano de 1980 privilegiam discursos ligados a



movimentos de conscientização homossexual e ao surgimento dos primeiros grupos organizados. O último número de Lampião sai em julho de 1981. Divergências ideológicas entre seus editores, além de aumento dos custos de produção, queda nas vendas e as próprias mudanças políticas do Brasil fazem com que o jornal pare de circular, deixando um espaço até hoje não preenchido por nenhuma outra publicação veiculada para o público LGBT.



[1] Graduado em Letras Português/Inglês. Pós-Graduado em Linguística Textual (UFRJ) e Gênero e Sexualidade (UERJ). Mestre em Memória Social (UNIRIO). É professor da SEEDUC-RJ e do IPETEC/UCP. É autor de "... E havia um lampião na esquina" – Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980), publicado pela Multifoco, além de artigos publicados em periódicos e livros.

Contato: [acsimoesjr@yahoo.com.br](mailto:acsimoesjr@yahoo.com.br)



# Algumas notas etnogáficas sobre o mercado e visibilização gay em Valparaíso – Chile

Rodrigo Azócar

As seguintes linhas refletem o resultado de algumas anotações do trabalho de campo desenvolvido na cidade chilena de Valparaíso, realizado nos meses de julho a dezembro de 2012, e de janeiro a maio de 2013. Foi uma experiência etnográfica que permitiu gerar um diálogo entre os dados e a teoria (GUBER; 2005) em um processo de contraste e

dinâmica interacional. O objetivo geral da pesquisa é coletar elementos empíricos que deem conta da compreensão dos significados que ortogam os sujeitos na boate Pagano em relação a construção dos espaços de visibilidade gay em Valparaíso, Chile.

A discoteca Pagano é um estabelecimento icônico na cidade, localizada no bairro Puerto. Foi

parte de um processo de valorização e apropriação de uma zona com características de espoliação urbana (KOWARICK; 2009) da cidade por parte de grupos que, segundo a Becker (2008), poderíamos denominar Outsiders por seus atributos de exclusão social, como por exemplo, o questionamento a sua vestimenta, sua orientação sexual, entre outros.

O surgimento de espaços de diversão orientados a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexuais (LGBTI) na cidade de Valparaíso faz parte de um processo maior com características de abertura, vinculado aos acontecimentos socioculturais vividos no Chile nos últimos quarenta anos. Como explica Camilo Braz (2012), estes espaços de promoção de uma diversidade sexual permite o contato com certos estereótipos dentro da cultura gay.

Camilo Braz dialoga com os mais importantes autores brasileiros sobre a temática gay, em seu texto *Á meia luz... uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Fazendo uma reflexão por meio de uma investigação a longo prazo, em clubes da cidade de São Paulo, com o qual enfrenta diversas concepções de masculinidade dentro deste contexto. Onde existe uma espaço de alternância entre homens. É muito interessante a reflexão que toma Néstor Perlongher ao referir-se a noção de Gueto Gay utilizada no Brasil e a concepção que Eduardo Magnani utiliza, de Manchas ou Circuitos, para relatar a aglomeração de comércios que atende a um público gay. Esta ideia representa claramente o que acontece no bairro Puerto de Valparaíso, também conhecido como bairro Chino, devido ao seu caráter de ser perigoso, por ser excluído e segregado do resto da cidade, mas que tem mudado vagorosamente, se tornando um lugar de diversão, destinado principalmente a um público composto pelos excluídos. É assim que a discoteca Pagano, desde o ano 2000, passou promover uma abertura ao mercado, e voltou sua atenção a um público alternativo, composto por pessoas (LGBTI) como também para aqueles



grupos urbanos deixados à margem, como Punks, Góticos, entre outros.

O recorte espaço-temporal da pesquisa tem como centro o bairro Porto, espaço fundamental da cidade e próximo as instalações portuárias foi adquirindo fama de bairro de lazer, entretenimento, diversidade e tolerância. Mesmas características de hoje da espaço a lugares de diversão para a comunidade mais diversificada da cidade, espaço de habitação para jovens e famílias de profissionais das casas de reabilitação e de conservação patrimonial, impulsionado principalmente pela característica de Patrimônio Cultural da Humanidade, com o qual a UNESCO reconhece Valparaíso desde o ano de 2003 e que conserva até hoje.

O século XX marcou o ponto de decadência da cidade. As crises econômicas, as trocas de produção, a imigração de pessoas que liberaram o empreendimento da cidade e a inauguração do Canal do Panamá como nova rota de entre o Pacífico e o Atlântico, fizeram sucumbir a cidade



a um abismo de decadência, pobreza e esquecimento. São precisamente estes adjetivos que hoje dão um valor patrimonial incalculável a cidade, e que se representa e em sua arquitetura, seus costumes e história social.

Hoje a cidade vive um processo de revitalização de seu patrimônio, refletida em políticas que buscam preservar os vestígios desse passado, como também em potencializar a cidade como um polo turístico (um conjunto como o de Viña del Mar, la cidade conhecida como capital turística do país) e cultural.

Explorar o potencial cultural da cidade, foi objetivo primordial das últimas políticas urbanas, habitacionais e turísticas. Hoje a cidade é sede do Conselho Nacional da Cultura e das Artes e centro de expressão de diversas manifestações imateriais que resgatam as tradições da cidade, com novas expressões de são impressas num caráter artístico e cultural.

Há grande presença de jovens estudantes (existem mais de noventa



Universidades de Centros de Educação Superior), com ativa e ampla oferta de lazer, sua paisagem urbana caracteriza uma cidade que valoriza sua característica de diversidade. Estas características sócio-históricas tem permitido que a cidade acolha os mais diversos grupos sociais, compartilhando espaços e traços da cidade, os mesmo que são posteriormente identificados pelos próprios habitantes.

Um destes espaços, o Bairro Porto. Histórico centro de lazer e de diversão noturna, lugar de encontro para marinheiros de todo mundo, mercantes que atracam no porto cercado dos mais diversos grupos underground presentes na sociedade, com maior ou menor visibilidade no cenário formal.

Precisamente em seus prostíbulos, em seus bares, e seus hotéis, em companhia de delinquentes, ladrões, prostitutas onde se vem forjando a identidade do lugar como espaço de tolerância e diversidade.

Neste bairro fica a Discoteca Pagano, que está há duas décadas como espaço para aqueles “alternativos” que não tinham lugar na

oferta particular e tradicional em outras zonas da cidade. Um espaço de reunião protegida dos olhares acusadores, repressores e questionadores, que com o pasar dos anos foi adquirindo o status de “lenda urbana” pelas histórias que se tem em torno de suas performances rotulantes encarnadas pelas chamativas mulheres de grandes sapatos, trajes multicoloridos e vistosas plumas.

Pagano foi se convertendo no centro de lazer gay da zona, ainda se contar com outros espaços de diversão tipificados para este público específico, eles foram perdendo protagonismo diante da reunião dos diferentes grupos sociais em um pequeno e escuro local da esquina de ruas Clave y Blanco.

Eis aqui onde há um olhar antropológico que se desenvolve essencial no resgate destas histórias que vão configurando consigo um acervo de grande relevância para conformação de uma identidade gay local e nacional. Neste espaço de abertura e tolerância onde existem histórias das pessoas e das comunidades do entorno e a diversidade, integração e respeito, como também existe a homofobia, a falta de respeito e o ódio.

O contexto do surgimento da discoteca Pagano no Bairro Puerto de Valparaíso deve ser analisado em conjunto aos acontecimentos que antecederam

deram, permitindo descrever o Chile como um país conservador e altamente homofóbico. Segundo a Oscar Contardo (2011) o retorno a democracia é o momento que o país começa uma lenta caminhada de abertura aos temas sexuais (ROBLES; 2008), obrigando a sociedade a reconhecer e promover pequenos espaços de visibilização de pessoas, catalogadas como diversas:

No Chile, as idéias tradicionalmente associadas com a homossexualidade não foram refutados publicamente e de forma consistente, mas a partir dos anos noventa. Até então, era parte do senso comum dizer que os homossexuais são perturbados mentais, mesmo em círculos acadêmicos.

(CONTARDO, 2011. p. 23. Tradução livre.)



Justamente na manifestação deste dilema que se manifesta a importância do mercado como facilitador de um processo de visibilização em uma sociedade marcada por estereótipos com pessoas (LGBTI) e faz parte de um diálogo que permeia o tema a respeito das convenções de gênero (BRAZ, 2012), colocando em tensão as possibilidades de integração na sociedade chilena.

O surgimento do mercado para gays na cidade de Valparaíso, de acordo com o contexto histórico e social, permitiu dar espaços de visibilidade para um grupo historicamente excluído e invisível. Esse mercado está dividido entre as respostas às necessidades de sociabilidade gay e o constante questionamento sobre a possível construção de guetos (FRANÇA, SIMÕES; 2005), a formação de um circuito ou mancha (MAGNANI, 2008) onde é preciso considerar as questões de poder, estilo, consumo e marcadores sociais da diferença, especialmente da classe.

### Referências.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do devio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BRAZ, Camilo. *À meia luz... uma etnografia em clubes de sexo masculinos*. Goiânia: Editora UFG, 2012.

CONTARDO, Oscar. *Raro. Una*

*historia gay de Chile*. Santiago: Planeta, 2011.

FRANÇA, Isadora Lins; SIMÕES, Júlio. *Do gueto ao mercado*. In: GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

GUBER, Rosana. *El salvaje metropolitano. Reconstrucción del conocimiento social en el trabajo de campo*. 1a reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 2005.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos urbanos*. São Paulo: Ediciones 34, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lillian de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

ROBLES, Víctor Hugo. *Bandera hueca. Historia del movimiento homosexual en Chile*. Santiago: Editorial ARCIS, 2008





A Próxima edição da  
**Revista Memória LGBT**

Terá como Tema:

**Patrimônio Cultural LGBT:**

**Memória, História, Oralidade, Espaços,  
Identidade, Resistência e Socialização**

**FECHAMENTO DA EDIÇÃO: 20 DE FEVEREIRO DE 2014**

**ENVIE SUA CONTRIBUIÇÃO**  
**[revista@memorialgbt.com](mailto:revista@memorialgbt.com)**

